

2,3 milhões abandonaram curso superior em 2021

2,3 milhões abandonaram curso superior em 2021



2,3 milhões de alunos abandonaram o curso superior em 2021, contra 1,9 milhão em 2020. O gráfico mostra a taxa de evasão em 2021, que equivale a uma perda de 2,3 milhões de estudantes. Taxa de evasão em 2021: 26,9%. Fonte: Sol_Ciência com dados das Sísipagos dos Censos da Educação Superior do MEC.

Uma preocupação constante das Instituições de Educação Superior (IES) é a desistência no meio do curso por seus estudantes, o que é tecnicamente denominado de "evasão". Além de representar perdas nas instituições sociais, acadêmicas e econômicas, ela significa também um grande sofrimento emocional para aqueles que, por algum motivo, precisam abandonar os seus cursos. Os fatores são múltiplos e precisam ser compreendidos.

A impressão geral que se fez nos últimos anos é a de que, com a pandemia de Covid-19 iniciada em 2020, o quadro de evasão de estudantes universitários se agravou no país. A consulta às Sísipagos dos dados do Censo da Educação Superior do MEC (CENESUP) entretanto, permite pensar que esta é uma meia verdade e que o fenômeno do abandono exige de nós uma reflexão mais cuidadosa e aprofundada.

Quando comparamos o comportamento das taxas de evasão de instituições públicas e privadas nos últimos 5 anos (2017-2021), notamos tendências bem diferentes, revelando que a evasão é estudantes ocorre desigualmente entre IES. Os dados de 2022 ainda não estão disponíveis.



Privadas
Evasão da IES privada com dados das Sísipagos dos Censos da Educação Superior do MEC, dos anos de 2017 a 2021, apresenta tendência de crescimento contínuo e acentuado. A taxa de evasão em 2021 foi de 12,8%, o que equivale a uma perda de 2,3 milhões de estudantes. Nas IES públicas, a perda representou 16,4 milhões de estudantes, com a taxa de evasão de 26,9%.

Na série histórica, é possível perceber a tendência de crescimento contínuo da taxa de evasão das IES privadas desde 2017, sendo notada uma elevação pronunciada no ano de 2021 (sucessando quase 4 pontos percentuais), sendo, portanto, a pandemia.

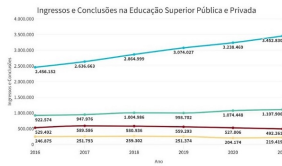
Em sua série histórica, a taxa permaneceu constante entre 2017 e 2019 (16,4%), sofreu uma elevação significativa em 2020 (21,8%), quando teve início a pandemia, mas apresentou uma queda importante no ano seguinte (9,4%), mostrando que, depois do impacto inicial, a atuação das IES públicas foi eficiente para conter os efeitos da pandemia sobre a permanência estudantil, provavelmente por terem oferecido condições de ensino mais adequadas de acolhimento dos estudantes, apoio e manutenção dos professores e a continuidade dos estudos.

O último ano da série histórica (2021) mostra que a taxa de evasão chegou ao patamar de 26,9% nas IES privadas, o que equivale a uma perda de 2,3 milhões de estudantes. Nas IES públicas, a perda representou 16,4 milhões de estudantes, com a taxa de evasão de 26,9%.

O fenômeno da evasão é bem complexo, deve ser entendido compreensivelmente e devidamente combatido com políticas institucionais e governamentais, se quisermos favorecer, de fato, uma oportunidade concreta de mobilidade social no país. De acordo com a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico, os brasileiros possuem um diploma superior graduação em média 2,5 vezes maior do que aqueles com diploma de nível médio. É a maior diferença salarial observada entre os 46 países analisados pela organização.

Outro ponto importante para compreendermos o fluxo de estudantes nos cursos de graduação é compararmos o número de alunos que ingressam na graduação e que concluem os seus cursos. Nesse sentido, a série histórica mostra um crescimento relativamente estável para as IES públicas, que tiveram uma perda de 7% de ingressantes em 2021, quando comparado ao ano de 2016, e uma perda de 11% de concluintes no mesmo período.

No caso das IES privadas, a situação é bem diferente. Ambas as séries - de ingressantes e de concluintes - são ascendentes, revelando que o setor sustentou uma enorme expansão no período, obtendo novas vagas e cursos, aumentando as matrículas. No entanto, se o número de ingressantes em 2021 é 40% maior que o registrado em 2016, o número de concluintes aumentou apenas 20%. Essa diferença mostra que a política de expansão das IES privadas ocorre em um cenário de baixa qualidade e que estes estudantes não necessariamente chegam a concluir os seus cursos, evidenciando-se um estagnado.



Fonte: Sol_Ciência com dados das Sísipagos dos Censos da Educação Superior do MEC.

De um lado, as IES privadas têm produzido um contingente enorme de pessoas frustradas em seu propósito de obter qualificação profissional superior, ficando, em muitos casos, evidenciadas junto aos seus financiadores. De outro, o esforço concentrado na captação de novos alunos parece funcionar como mecanismo de elevação de lucro, com a captação de novos recursos em face de matrículas e mensalidades dos primeiros meses de graduação. Na balança para manter a lucratividade, as instituições privadas têm realizado demissão (algumas delas em massa) de docentes e funcionários, prejudicando a qualidade dos cursos e ampliando suas quotas (e vagas) nos cursos EAD - em nosso desdobramento, já discutido no nosso artigo em nosso blog.

Não é novidade que as causas da evasão são de natureza distintas e podem estar relacionadas. No âmbito pessoal, os estudantes podem, por exemplo, ter feito escolhas equivocadas dos cursos, ter relações fracas de ensino-aprendizagem, com dificuldade de adaptação à vida universitária, podem sentir incompatibilidade entre a vida acadêmica e as demandas do mundo do trabalho ou mesmo descobrir novos interesses que os levam a buscar por outras profissões.

No âmbito institucional, a evasão pode estar relacionada, entre outros fatores, a cursos desatualizados ou que ofereçam uma matriz curricular repleta de pré-requisitos, impedindo estudantes de avançarem em seus cursos, critérios de avaliação equivocados, ausência de formação de professores para a docência, ausência de programas institucionais para elevar a qualidade da formação e a permanência dos estudantes.

No que toca a causas externas, a evasão pode estar relacionada ao mercado de trabalho, ao reconhecimento social da carreira profissional escolhida, às dificuldades financeiras, à ausência de políticas públicas consistentes e continuadas. Fatores potencializados pela crise econômica brasileira que se prolonga por quase uma década.

Esses elementos mostram como é necessário conhecer melhor o fenômeno, mas principalmente oferecer programas de assistência e permanência estudantil, com bolsas de auxílio, investindo em ações voltadas à redução dos indicadores de evasão, medidas fundamentais principalmente para estudantes provenientes de famílias pobres.

Além disso, precisamos ir além de uma educação superior de qualidade ao invés de fomentar um processo de expansão que privilegia apenas o acesso (e o lucro, para as instituições privadas, em especial as grandes grupos financeiros) e que pouco se importa com a permanência e a conclusão dos estudantes. É urgente que o país restabeleça um rigoroso processo de regulação da Educação Superior e de apoio à permanência dos estudantes.

Constituir uma educação superior de qualidade não se restringe à abertura de vagas e ampliação de matrículas, é preciso garantir uma formação qualificada e o acompanhamento e apoio a cada estudante, como cidadão e não apenas como consumidor, para superar desafios e dificuldades, e tornar-se um profissional capaz de fazer diferença para um futuro melhor para si e para o país. A crise brasileira e o fundo do poço em que chegamos estão intimamente ligados à dificuldade em formar, no mais alto nível, as novas gerações.

<https://radamazonico.com.br/23-milhoes-abandonaram-curso-superior-em-2021/>

Veículo: Online -> Site -> Site Radar Amazônico